



## A REVOLUÇÃO REFERENCIADA

Berno Logis<sup>1</sup>

LOGIS, Berno. **Revista Eletrônica Discente História.com**, Cachoeira, v. 7, n. 13, p. 130-133, 2020. Resenha: MOREL, Marco. **A Revolução do Haiti e o Brasil Escravista: O que não deve ser dito**. 1. ed. Jundiaí. São Paulo: Paco, 2017. 348, p.

A obra do historiador Marco Morel intitulada: “*A Revolução do Haiti e o Brasil Escravista: O que não deve ser dito*” é dividida em três partes, e se debruça sobre os efeitos da Revolução Haitiana de 1791 no Brasil. Na primeira parte do livro, o autor apresenta um esboço da história haitiana e um quadro cronológico dos principais eventos ocorridos a partir de 1492 na antiga colônia francesa quanto na portuguesa, fazendo referência à chegada dos espanhóis na “Hispaniola” e ao fim do tráfico negreiro a partir do tratado entre Brasil e a Grã-Bretanha, em 1826. Em seguida, o autor delinea o perfil de todos os líderes haitianos e suas ascensões no cenário revolucionário, analisando concomitantemente, as primeiras constituições do país caribenho, com destaque à classificação racial elaborada pelo colono Moreau de Saint-Méry, um dos aspectos fundamentais no processo revolucionário de 1791. A segunda parte apresenta uma visão panorâmica do olhar ocidental sobre a revolução, através das ideias dos abades franceses Henri Grégoire, François Raynal e De Prat, os mais influentes do período revolucionário. Além disso, o autor destaca a relação e os impactos do pensamento dos abades sobre o período colonial na América, especialmente no Brasil e no Haiti.

Na terceira e última parte do livro, Morel desenvolve o principal objetivo de seu trabalho, ou seja, uma investigação por meio de jornais sobre os efeitos da revolução haitiana no Brasil, ressaltando as atuações de vários brasileiros letrados e não escravizados que tiveram contato com os eventos da pérola das Antilhas. A menção final do título dessa obra chama nossa atenção “o que não deve ser dito” deixando subentendido que há ocorrências que não deveriam ser ditas<sup>2</sup>. Essa perspicácia da obra traz uma motivação a uma

<sup>1</sup> Doutorando em História pela Universidade Estadual Paulista - Câmpus Assis-UNESP. Correio eletrônico: [lesaged18@yahoo.fr](mailto:lesaged18@yahoo.fr).

<sup>2</sup> É importante sublinhar que na historiografia francesa e/ou haitiana, a referência a algo ocultado no processo revolucionário é geralmente relacionado à última batalha pela Independência do Haiti onde as tropas napoleônicas foram derrotadas em *Vertières* em 18 de novembro de 1803. Este fato foi ocultado pela

compreensão destes fatos latentes, muito embora, questões relativas à Revolução do Haiti de 1791, ainda são pouco estudadas no meio acadêmico brasileiro. Portanto, isso contribui de certa forma na relevância deste livro, que é considerado um dos primeiros (em sua maior parte) a compreender a Revolução de São Domingos de 1791.

Marco Morel é historiador e professor associado da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, formado em Jornalismo e possui mestrado e doutorado em História. É importante sublinhar que o livro aqui resenhado vem apenas aumentar a quantidade de publicações do autor sobre o Haiti. Em 2005 publicou-se nos anuários dos Estudos Bolivarianos sua primeira produção a respeito do Haiti cujo trabalho estipulado *A Revolução do Haiti e o Império do Brasil: intermediações e rumores*. No mesmo ano, publicou na revista Almanaque Braziliense *O abade Grégoire, o Haiti e o Brasil: repercussões no raiar do século XIX*, onde parece ter iniciado os estudos sobre as relações dos eventos entre Haiti e o Brasil.

Ao dedicar mais de trezentas e quarenta páginas a revolução haitiana, suas diversas facetas e suas conexões, o autor discute os impactos e as influências da revolução haitiana no contexto do Brasil escravista. A referência aos impactos dos ocorridos da revolução liderada por Toussaint Louverture e Jean Jacques Dessalines da antiga colônia francesa na colônia portuguesa da América não é algo novo, pois, autores brasileiros como Sidney Chalhoub (1990) em *Visões de liberdade*<sup>3</sup>, Luiz Mott (1988) em *Escravidão, homossexualidade e Demonologia*<sup>4</sup>, Patrícia Valim em sua tese de doutorado de (2007) *Da sedição de mulatos a conjuração baiana de 1798: a construção de uma memória histórica*<sup>5</sup> e João José Reis (1986) em *Rebelião escrava no Brasil*<sup>6</sup>, dentre outros e também inúmeros artigos, já haviam destacado a presença do que é chamado por Eugène Genovese<sup>7</sup> (1983) de “inspiração negra” em vários estados brasileiros durante o período escravista. Entretanto, a obra *A Revolução do Haiti e o Brasil Escravista: O que não deve ser dito* baseia-se em uma bibliografia diversificada e com uma presença significativa de documentos e autores haitianos, trazendo em seu conteúdo uma análise inovadora, além de ser um importante estudo dos efeitos causados pela Revolução do Haiti sobre a antiga colônia portuguesa, sobretudo no período pós-independência. Não por acaso, o autor estende suas análises até o período de 1825, um

---

historiografia francesa durante séculos, como é apontado por vários autores como Marcel Dorigny e Jean-Pierre Le Glaunec, em estudos mais recentes.

<sup>3</sup> CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

<sup>4</sup> MOTT, Luiz R. B. **Escravidão, homossexualidade e demonologia**. São Paulo: Ícone, 1988.

<sup>5</sup> VALIM, Patrícia. **Da sedição de mulatos a conjuração baiana de 1798**: a construção de uma memória histórica. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo: São Paulo, 2007.

<sup>6</sup> REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil**: a história do levante dos malês, 1835. São Paulo, SP: Brasiliense, 1986.

<sup>7</sup> GENOVESE, Eugene D. **Da rebelião a revolução**. São Paulo: Global, 1983.

período importante na história pós independente do Haiti, que se viu obrigado a pagar uma alta indenização para que a antiga metrópole francesa pudesse reconhecer a independência da nova nação haitiana.

A obra traz para os leitores, especialmente os do meio acadêmico brasileiro, um debate sobre a classificação racial, um aspecto fundamental na compreensão dos principais eixos da revolução de 1791. A questão racial lembra Morel (2017) representa um ponto chave tanto na história de São Domingos como colônia, quanto na história do Haiti independente, ou seja, o autor reconhece, de certa forma, o papel central da questão racial no cenário colonial e revolucionário haitiano. No entanto ao analisar os conflitos internos (negros escravizados e mestiços livres de cor) e externos (contra a escravidão) na colônia, o autor mostra seu desacordo com o historiador Pauléus Sannon, no que se refere à ênfase dada por este autor aos aspectos raciais. Para Sannon<sup>8</sup> (1938) as inúmeras lutas sociais e políticas que se deram na colônia nesse período tiveram suas origens nos conflitos raciais ocorridos em São Domingos. Do mesmo modo, o historiador Gérard Barthélémy que publicou em 1989 *Le Pays en de hors*<sup>9</sup> na qual analisa o espaço rural haitiano do período pós-escravagista, alega que na colônia para o emancipado, a cor da pele constituiu-se em um estigma, marca indelével da infâmia, embora juridicamente ele fosse considerado livre. Nesta fronteira, onde os limites de cores são tão incertos quanto os limites das condições, às pessoas de etnias diferentes (do branco) entram no centro das contradições. Entretanto, segundo Morel<sup>10</sup> os diversos conflitos que ocorreram na parte francesa da ilha deveriam ser analisados a partir de perspectivas sociopolíticas. Isto é, esta visão enfatiza que a luta da população negra escravizada contra o sistema escravista e contra as políticas europeias eram centradas na luta pela ascendência social e político.

As notícias não fizeram esperar para chegar aos períodos luso-brasileiros, nos jornais como o *Correio Braziliense* e a *Gazeta do Rio de Janeiro*. A presença de vários traços dos eventos da revolução de 1791 já circulava nos territórios brasileiros e o nome do Haiti era referenciado tanto como exemplo de defesa da soberania quanto como exemplo de combate à escravidão. Morel nota que em 1805, um ano após a proclamação da Independência de São Domingos, as notícias já circulavam em terras brasileiras, especificamente no Rio de Janeiro onde os soldados de milícias usaram o retrato de Jean Jacques Dessalines, a maior figura nacional do movimento revolucionário haitiano. Nessa onda de inspiração haitiana em terras brasileiras, o cenário não era diferente nas regiões do

---

<sup>8</sup> SANNON, Pauléus. **Histoire de Toussaint Louverture**. Port au-Prince, Haiti, 1938.

<sup>9</sup> GERARD, Barthélémy. **Le Pays en dehors**; essai sur l'univers rural haïtien. Cidhca, Canada 1989.

<sup>10</sup> MOREL, Marco. **A Revolução do Haiti e o Brasil Escravista**: O que não deve ser dito. 1. ed. Jundiá. São Paulo: Paco, 2017, p. 96.

Nordeste como Pernambuco e Sergipe. Entre 1818 e 1822, um pouco antes do surgimento da expressão *haitianismo*, foram registradas diversas referências ao Haiti. As referências expressam duas visões opostas. De um lado, expressava um certo desespero da parte dos senhores porque representava uma ameaça para o sistema escravista. De outro lado, ela simbolizava esperança aos escravizados.

A resistência de Emiliano Mundurucu e de seus próximos, o pastor Agostinho Pereira na cidade de Recife na Confederação do Equador contra a escravidão e o preconceito racial, confirmam as lutas e as ideias empregadas pelos líderes haitianos do período pós-independência de libertar as colônias ainda sobre a dominação europeia. Entre 1804 e 1816 os líderes da revolução de 1791 participaram de forma ativa à medida que ofereciam armas e munições na batalha para erradicar a escravidão na América espanhola. Isto permite entender que os líderes da revolução haitiana não limitavam as suas batalhas contra a colonização e a escravidão apenas no seu país, tratava-se de uma luta contra a escravidão, a desigualdade racial e contra todos aqueles que violavam os princípios gerais da liberdade humana. Em outras palavras, como assinala Buck-Morss, contra o sistema colonial no seu conjunto<sup>11</sup>.

A leitura da obra em questão, instiga a perceber que as influências e a presença dos eventos da Revolução do Haiti resultaram em diversas consequências para o Brasil. O *haitianismo* no Rio de Janeiro, com efígie de Jean Jacques Dessalines nos peitos de escravizados, as notícias nos periódicos lusos brasileiros, as referências aos heróis da revolução entre pretos e pardos nas terras brasileiras, o medo causado nas elites econômicas, foram entre outros, indicadores que sugerem a pluralidade nas formas influenciadoras da revolução haitiana de 1791.

Recebido em 01 de dezembro de 2019 e aprovado para publicação em 01 de fevereiro de 2021

---

<sup>11</sup> BUCK-MORSS, Susan. Hegel e Haiti. **Novos estudos**. 90-julho, 2011.